

DOSSIÊ FICÇÕES DO COTIDIANO APRESENTAÇÃO

[EVERYDAY FICTIONS – PRESENTATION]

DANIELLE CORPASⁱ

<https://orcid.org/0000-0002-7890-6828>

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ, Brasil

MIGUEL CONDEⁱⁱ

<https://orcid.org/0000-0002-6930-4497>

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Um barômetro e uma meia marrom demarcam, como sinais apropriadamente inconspícuos, a presença do cotidiano no debate crítico a respeito da literatura moderna. Talvez se pudesse dizer: no debate a respeito da própria modernidade dessa literatura, já que é na atenção inusitada ao trivial que tantos críticos afirmarão ser possível identificar um traço distintivo das ficções da era moderna. Quanto às implicações dessa revolução estética, que leva ao primeiro plano da escrita aquilo que antes ela mal se dava ao trabalho de tocar, as avaliações não poderiam ser mais díspares, em alguns casos quase simetricamente opostas: expressão do reconhecimento secularizado da historicidade da vida humana, no comentário de Erich Auerbach sobre o tricô de Mrs. Ramsay em *Ao farol*, de Virginia Woolf, negação da história e naturalização ideológica da vida burguesa para o Roland Barthes de “O efeito do real”, em sua decifração semiológica da quinquilharia de Mme. Aubain em *Um coração simples*, de Gustave Flaubert.

Neste dossiê, em que é mobilizado num recorte temporal distinto, o cotidiano se mostra uma categoria ainda tão indispensável quanto controversa. Na literatura brasileira contemporânea, fluxos de rotina, situações banais, circunstâncias fortuitas, experiências ordinárias na órbita do trabalho, das relações interpessoais, do lazer, do consumo, do imaginário etc. se fazem presentes não apenas como temas centrais de algumas das mais instigantes obras dos últimos anos, mas também nas estratégias de composição e procedimentos de escrita adotados por autores e autoras empenhados em projetos literários que, em seus diversos matizes, possuem como ponto de contato um

compromisso estético, e com frequência também ético ou político, com a figuração artística da vida cotidiana. Em dimensão individual e coletiva, subjetiva e material, doméstica e pública, comportando constrangimentos e aspirações, com variedade de registros estilísticos, pontos de vista e ambientação (das metrópoles às cidades do interior aos vilarejos rurais, com suas zonas privilegiadas e marginalizadas, perspectivas diferenciadas em termos de classe e/ou gênero e/ou raça), as representações contemporâneas do cotidiano continuam a pôr a crítica diante do desafio de pensar as relações de contato e conflito entre as repetições miúdas da rotina e as grandes transformações históricas.

Procuramos reunir aqui trabalhos que forneçam aos leitores uma imagem, ao modo de mosaico, do espectro de questões, das possibilidades para a reflexão sobre aspectos da criação estética e da vida social contemporâneas que se abrem quando é mobilizada a categoria *cotidiano*. Uma noção que, ao longo do século XX e das primeiras décadas do XXI, se fez crucial para designar rumos da arte moderna e contemporânea.

Os dois primeiros artigos do dossiê funcionam como amostra da diversidade de posicionamentos nesse debate teórico, o que se reflete em juízos díspares a respeito do tratamento literário da matéria do dia a dia. Tanto Vera Lúcia Follain de Figueiredo quanto Alex Fogal começam seus textos recuperando proposições seminais em torno da vida cotidiana, de modo que oferecem, em conjunto, um amplo quadro de referências.

Em “O prosaico e o insólito no mundo desencantado”, a autora de *A ficção equilibrista: narrativa, cotidiano e política* põe em articulação proposições de György Lukács, Erich Auerbach, Franco Moretti, Jacques Rancière, Josefina Ludmer e vários outros autores, para ressaltar o que entende como uma transformação na abordagem do cotidiano (na teoria e na literatura) que se processou ao longo da segunda metade do século XX e no início do XXI. Se, na constituição do romance moderno, a ênfase na esfera do prosaico solidificou a dimensão histórica como base da narrativa realista, segundo Vera Follain (que nesse passo da argumentação alinha-se com o pensamento de Rancière), mais recentemente o cotidiano se constituiria na ficção como “espaço que se opõe à concepção moderna de história, voltada para o futuro, associada à ideia de projeto, vista, agora, como aliada às pretensões totalitárias. A literatura deixa de tratar o universo da realidade prosaica como um imenso tecido de signos em que se inscreve a história de uma sociedade” – o que implicaria o declínio da “leitura sintomática da sociedade”, afirmando-

se o cotidiano eminentemente como “dimensão democrática por excelência da vida humana” (p. 21) que participa do desafio de se lidar com “outras historicidades”. Na parte final do artigo, com uma visada panorâmica da ficção latino-americana desde Alejo Carpentier até Mariana Enríquez, valoriza-se a irrupção do insólito na esfera do cotidiano como mote para indagações a respeito da imaginação do possível e do empobrecimento do imaginário no contexto atual.

Indiretamente, outros artigos do dossiê se contrapõem à avaliação segundo a qual, hoje, já não seria tão relevante ou proeminente a inscrição da história de uma sociedade na ficção que se voltasse para a realidade prosaica. Alex Fogal, Edu Teruki Otsuka e Ivone Daré apresentam leituras de narrativas (respectivamente, de Luiz Ruffato, Rubens Figueiredo e Joca Reiners Terron) nas quais procuram evidenciar nexos entre fatura estética e processos sociais em curso.

Fogal adota percurso argumentativo equivalente ao de Figueiredo: a primeira parte de “O cotidiano em sua dimensão reveladora” consiste em síntese teórica que delinea o ângulo a partir do qual será considerada a matéria cotidiana em contos de *A cidade dorme*. O ponto de partida é o materialismo de Siegfried Kracauer, que inaugurou uma perspectiva de crítica cultural (da qual são tributários encaminhamentos fundamentais da Teoria Crítica) pautada pelo potencial de objetivação histórica percebido em fenômenos corriqueiros, “expressões materiais de experiências históricas particulares” (p. 33). Remetendo em seguida à *Estética* de Lukács e ao pensamento de Agnes Heller, o autor chama a atenção para o fato de, na operação crítica com a dimensão cotidiana, estar implicado “um intrincado processo de mediações” (p. 34), sem o qual fica obliterada a captação dos contornos objetivos dessa matéria, sua amplitude social. No caso das narrativas de Ruffato, comentadas na segunda parte do texto, a mediação artística, longe de incorporar o cotidiano de personagens pobres como “mero recurso documental ou referencial”, faz dele “parte importante da fatura estética”, “dispositivo para a reflexão crítica sobre a sociedade” (p. 31). Isso fica demonstrado com a leitura dos contos “As vantagens da morte” e “¡Gua!”, na qual se destacam procedimentos como estilização, quebra de expectativas, concentração de acontecimentos, tom narrativo etc. – todos relacionados ao modo peculiar como a prosa de Ruffato confere voltagem crítica abrangente ao dia a dia de seus protagonistas.

Edu Teruki Otsuka também reconhece uma imagem da experiência social no modo como se entrelaçam histórias do cotidiano em *Passageiro do fim do dia*. Também no caso do romance de Rubens Figueiredo não é a documentação da degradação da vida no contexto do capitalismo contemporâneo que garante o teor contundente da obra, mas sua configuração formal, que “sugere a articulação de uma experiência histórica coletiva na mente individual de Pedro, principal ponto de sustentação da voz narrativa” (p. 48). No dia a dia do protagonista e das demais personagens (em maioria muito pobres), nessas trajetórias que se entrecruzam na consciência de Pedro em um movimento de distanciamento e aproximação entre camadas sociais, sobressaem indícios de “uma sociedade em convulsão” (p. 53). É no plano do cotidiano que se figura na narrativa um curso histórico que inclui diversas formas de “violência social imposta pelos processos impessoais da acumulação contemporânea” (p. 55) que, no caso do Brasil, somam-se à segregação secular evocada no romance com a alusão à passagem de Darwin por aqui. Segundo o crítico, a profunda cisão que vinca a matéria social de *Passageiro do fim do dia* resulta na “desolação de um mundo conflagrado e paralisante”, ao mesmo tempo em que a elaboração formal da narrativa proporciona “um senso de realidade compartilhada” (p. 66) que sugere a possibilidade de vínculos em meio à degradação.

Já a leitura de *Onde pastam os minotauros* apresentada por Ivone Daré destaca na narrativa um diagnóstico da realidade social sem abertura para perspectivas de transformação. Se o suspense construído no romance cumpre função de entretenimento, também convida à investigação de aspectos da vida contemporânea com abrangência global. O “enredo realista um pouco rocambolesco” e perpassado por intervenções do maravilhoso, com mescla de dados objetivos e fabulação, mantém foco no trabalho espoliado, figurando “a dinâmica do capitalismo em fim de linha, com o desmanche do trabalho salarial normatizado, as relações entre produção local e mercado internacional, a devastação da natureza” (p. 71). Mesmo os excessos que Daré identifica no enredo de Joca Reiners Terron seriam “sintomas de um momento histórico, econômica e socialmente, de tal grau de complexidade que, para ser representado narrativamente, necessita de muitos recursos que atem os fios da interrelação entre acumulação primitiva, espoliação do trabalhador, e falta de saídas num horizonte achatado em que expectativas de transformação já não existem” (p. 75). A montagem de vozes, que alterna o ponto de vista dos bois (dado de maravilhoso) ao do narrador realista em 3ª pessoa, reforça a

inscrição da vida cotidiana daqueles trabalhadores específicos no destino catastrófico de toda uma ordem social.

Uma inflexão mais específica da recente conjuntura política brasileira, não dissociada do panorama econômico abrangente que norteia a abordagem de Daré, informa a leitura de Daniel Bonomo sobre *Diário da catástrofe brasileira*, de Ricardo Lísias, e *Fooquedeu*, de Nuno Ramos, obras em que a notação cotidiana do diário extravasa sua habitual circunscrição à vida privada para se tornar espaço de elaboração do aturdimento (ou da falta de chão, como propõe o crítico) resultante da ascensão do bolsonarismo na política e na cultura do país. Bonomo enxerga nos livros de Lísias e Ramos empreitadas de escrita em que o registro diário, entre o desabafo e o inventário do tempo presente, com notas de bestiário, se combina e se confunde com um esforço reflexivo mais prolongado, na busca por respostas à crise desencadeada na intelectualidade brasileira pelo triunfo bolsonarista. Crise em que se teria visto abalada, inclusive, a própria representação que os intelectuais (“indivíduos com vocação para a arte de representar”, na definição de Edward Said retomada pelo autor) fazem de si próprios e de suas possibilidades de atuação diante dos desafios do momento histórico, como Bonomo demonstra ao comentar também, num breve apanhado, outras obras recentes que se voltam sobre essa dificuldade. Dado o problema, argumenta Bonomo, o interesse das obras de Lísias e Ramos estaria menos nas posições que demarcam frente à situação que na maneira como se pode discernir em cada uma delas, em chaves distintas, um esforço complexo de figuração do novo, de representação de uma situação histórica que põe em questão os parâmetros convencionados de apreensão do real.

Transformação histórica de outra ordem está em jogo no artigo de Giovanna Dealtry, que propõe uma leitura dos poemas de Camila Assad e Marília Garcia dentro de uma perspectiva crítica renovada sobre a relação entre as mulheres e o espaço urbano na literatura moderna. Em diálogo com trabalhos de Elkin (2017) e Wilson (2001), Dealtry questiona a perspectiva crítica até há bem pouco (ou ainda?) predominante, para a qual o trânsito livre pelas ruas da cidade, e daí a capacidade de tomá-la, em sua dimensão mais pública, como objeto de observação e escrita, seria prerrogativa do *flâneur* anônimo, necessariamente masculino, dadas as restrições impostas à circulação das mulheres para além do âmbito doméstico ou do local de trabalho. Em contraponto, Dealtry sublinha com Elkin a existência de toda uma tradição da *flânerie* feminina, ainda insuficientemente

estudada, dentro da qual podem ser pensadas as obras recentes de Assad e Garcia. Reconhecendo na obra das autoras “um compromisso ético com o presente”, Dealtry aponta em ambas uma escrita que se faz muitas vezes a partir de um lugar de adversidade, na contracorrente da demarcação de lugares (e horários...) apropriados à presença, aos olhos e à palavra da mulher. Ao examinar mais de perto o modo como se realiza tal postura na poesia de cada autora, Dealtry demonstra que, mais que contrapor ao discurso canônico sobre o *flâneur* a caracterização de um novo tipo urbano (a *flâneuse*, à qual se poderia associar a definição de uma outra forma de representação literária da cidade), essa pesquisa aponta necessariamente para uma multiplicidade de estratégias de circulação e de escrita, ligadas ao enfrentamento de um contexto tantas vezes adverso, por onde, ainda assim, as autoras se deslocam.

Completando o dossiê, o artigo de Marcelo Magalhães desloca para o cinema o campo de observação das representações contemporâneas do cotidiano brasileiro, explorando o entrelaçamento entre rotina e violência na obra do diretor Kléber Mendonça Filho. Tendo como eixo a figuração fantasmática do passado brasileiro na obra do autor, um motivo recorrente dos seus longas de ficção que se explicita como princípio de composição no documentário *Retratos fantasmas*, Magalhães recupera e atualiza a clássica tese de Sérgio Buarque de Holanda a respeito da “cordialidade” da sociedade brasileira, para fazer dela o nó ou encruzilhada conceitual que permite pensar a sobreposição histórica entre violência e cotidianidade. Nesse presente assombrado pelo passado dos filmes de Mendonça Filho, Magalhães identifica uma tentativa de figuração, ao modo perturbador e intermitente das aparições fantasmagóricas, de uma história de violência cotidiana que a cordialidade ao mesmo tempo mascara, dilui e continua a tornar possível.

Tomados em conjunto, os artigos do dossiê demonstram a importância do cotidiano como ângulo de abordagem das ficções brasileiras contemporâneas, ao mesmo tempo em que sugerem uma transformação do campo de problemas a que ele esteve tradicionalmente associado, pois dos artigos também se depreende não ser unívoca essa temporalidade a que as ficções do cotidiano procuram dar forma. Não mais a tênue redenção do “momento qualquer”, como em Auerbach, mas tampouco a paralisante mistificação ideológica denunciada por Barthes, o pequeno cotidiano aparece aqui turbilhonado, em vias de convulsão, atravessado por uma multiplicidade de conflitos e

contradições históricas que talvez só ganhem sua notação mais tangível nesse mergulho em uma escala menor dos acontecimentos.

Este número de *Terceira Margem* traz ainda dois artigos.

O primeiro deles dialoga com o tema do dossiê ao voltar-se para um imaginário profundamente calcado no ritmo do dia a dia na esfera da vida privada. Mariana Filgueiras põe em xeque o “mito da mãe preta”, que, com frequência, integra a representação de trabalhadoras domésticas na literatura brasileira, apresentando um rol de personagens emblemáticas do estereótipo da mulher “maternal, acolhedora, exímia cozinheira, que conta causos populares, que trabalha muito sem reclamar, que nunca reage aos desmandos dos empregadores e internaliza o próprio sofrimento”. Assim são as escravizadas ou criadas que aparecem em obras de Olavo Bilac, Coelho Neto, Machado de Assis, Jorge de Lima e, claro, Monteiro Lobato. O artigo chama a atenção para o fato de a reiteração da representação estereotipada de trabalhadoras domésticas ao longo do século XX participar da estrutura de poder que submete mulheres negras a violências, como silenciamento, objetificação, hipersexualização, animalização, desumanização, invisibilidade. Daí o destaque para a mudança de perspectiva que se opera na ficção contemporânea, com autoras como Lilia Guerra: na contramão dos estereótipos apaziguadores, em movimento no qual a voz narrativa se identifica com a personagem, as trabalhadoras domésticas emanam força de resistência.

No último artigo do volume, o enfoque se desloca da produção contemporânea para recuar ao momento modernista. Em “Macunaíma na macumba: um transe carioca na rapsódia de Mário de Andrade”, Homero Vizeu Araújo detém-se no capítulo 7 de *Macunaíma*, dialogando com teses influentes da fortuna crítica do escritor (de Gilda de Mello e Souza, João Luiz Lafetá, Antonio Candido, Alfredo Bosi) para propor uma reavaliação de tensões que se armam na obra. Parte da constatação de que o capítulo “Macumba” é atípico na estrutura do relato. Isso se deve, primeiro, ao fato de o herói sem nenhum caráter se encontrar “estável em um espaço definido [o Rio de Janeiro], situação rara em um livro em que predomina o deslocamento e o movimento”. Outra singularidade é a referência a personagens históricos (como Tia Ciata, Manuel Bandeira, Blaise

Cendrars, Raul Bopp e Ascenso Ferreira), que confere nota realista à narrativa, ao mesmo tempo em que mitifica tais personagens, tornados cúmplices da “aventura da nacionalidade” que a trajetória de Macunaíma encarna. Segundo essa leitura, figura-se aí uma “aliança de classe popular e modernista” dotada de potência tão positiva que faz frente ao poder do vilão Venceslau Pietro Pietra. Observando de diversos ângulos “a liga explícita de macumba, samba e modernismo” no episódio, Homero Vizeu demonstra o quanto é complexa e multifacetada, no livro de Mario de Andrade, a articulação entre cultura modernista e tradição popular, caracterização malandra e caráter nacional.

ⁱ **Danielle Corpas** é Doutora em Teoria Literária pela Faculdade de Letras da UFRJ, professora associada do Depto. de Ciência da Literatura da mesma instituição. Como docente do PPG em Ciência da Literatura, realizou pesquisas pós-doutorais junto à cátedra livre Teoria crítica e marxismo ocidental (Universidade de Buenos Aires, 2012) e junto ao Walter Benjamin Archiv (Akademie der Künste, Berlim, 2019). Além de vários ensaios, publicou 2 livros sobre Guimarães Rosa: *Os jagunços somos nós: visões do Brasil na crítica de Grande sertão: veredas* (2015) e *Armas Letras - e outros ensaios sobre Guimarães Rosa* (2019). É bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq, integrante do GT Anpoll Literatura e Sociedade e editora-executiva da revista *Terceira Margem*. Atualmente, suas pesquisas giram em torno da inscrição do cotidiano na prosa de ficção brasileira contemporânea. **E-mail:** daniellecorpas@letras.ufrj.br

ⁱⁱ **Miguel Conde** é professor adjunto de Teoria Literária na Faculdade de Letras da UFRJ. Nascido no Rio de Janeiro em 1981, é jornalista formado pela Escola de Comunicação da UFRJ e doutor em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-Rio. Foi curador de duas edições da *Flip* e organizou a coletânea *Quarteto Mágico: Contos de Murilo Rubião, José J. Veiga, Campos de Carvalho e Victor Giudice* (Autêntica, 2018). É um dos editores da *Revista Estuário*: www.revistaestuário.com. **E-mail:** miguelconde@letras.ufrj.br